



EM GUARDA PARA AS AMÉRICAS E O DISCURSO PAN-AMERICANISTA PARA A AMÉRICA LATINA (1941-1945)¹

EM GUARDA PARA AS AMÉRICAS AND THE PAN-AMERICAN DISCOURSE FOR LATIN AMERICA (1941-1945)

Mayra Coan Lago*

Resumo: Nosso objetivo é analisar como o discurso pan-americanista foi construído pela revista *Em guarda: para a defesa das Américas*. A revista, com tiragens mensais, publicada em três idiomas, entre os anos 1941-1945, era uma das publicações da *Divisão de Informações do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA). O discurso foi construído a partir de imagens da grande amizade entre os Estados Unidos e a América Latina e dos esforços de guerra dos EUA e da América Latina, que deveria atuar em conjunto para evitar a invasão do inimigo nazista. Por trás destas imagens encontramos imagens estereotipadas do subcontinente, de subordinação da América Latina e de superioridade dos Estados Unidos. Deste modo, a revista contribuiu não apenas para a construção, mas para a manutenção do discurso pan-americanista.

Palavras-chave: Pan-americanismo. Estados Unidos. América Latina.

Abstract: Our objective is to analyze how the pan-americanist discourse was constructed by the magazine *Em guarda: para a defesa das Américas*. The magazine, published monthly in three languages, from 1941-1945, was one of the publications of the *Information Division of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA). The speech was

¹ Reflexões iniciais deste estudo foram publicadas nos Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina, realizado em outubro de 2016.

* Professora do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Fundação Santo André e doutoranda em História pelo Programa de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) com o projeto intitulado "Exmo. Sr. Getúlio Vargas, Mi Querido General Perón: imaginários populares no varguismo e no peronismo", com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Também participa como monitora do projeto e da disciplina "Práticas de Leitura e de Escrita Acadêmica" (PLEA) da Universidade de São Paulo, área interdisciplinar. Mestre em Ciências da Integração da América Latina pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (2013-2015) - área: Práticas Políticas e Relações Internacionais. Especialista em Política e Relações Internacionais pela Fundação Escola de Sociologia e Política (2013) e em História, Sociedade e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2016). Graduada em Relações Internacionais pela Fundação Armando Alvares Penteado (2008-2011). Entre 2016-2018 foi secretária acadêmica da Associação Nacional dos Pesquisadores e Professores de História das Américas (ANPHLAC). Membro-fundadora do Encontro de Pesquisadores da América Latina (EPAL) e membro dos grupos/núcleos de pesquisa: LEHA (Laboratório de História das Américas, DH-FFLCH/USP), ANPHLAC (Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas) e do Núcleo de Estudos sobre América Latina e Caribe (NEALC). Tem experiência e desenvolve pesquisas nas áreas de Relações Internacionais e História, com ênfase em Segurança Internacional, Política Internacional, História das Relações Internacionais, História da América Latina Contemporânea e Política Externa brasileira, séculos XX e XXI. Email: mayracoan@usp.br ou mcoann@hotmail.com



constructed from images of the great friendship between the United States and Latin America and the US and Latin American war efforts, which should work together to prevent the invasion of the Nazi enemy. Behind these images we find stereotyped images of the subcontinent, subordination of Latin America and superiority of the United States. Thus, the magazine contributed not only to the construction, but to the maintenance of the pan-americanist discourse.

Keywords: pan-americanism. United States. Latin America.

Introdução

Nosso objetivo é analisar como o discurso pan-americanista para a América Latina foi construído a partir da revista *Em Guarda: para a Defesa das Américas*. O discurso pan-americanista é compreendido por nós como um dos componentes que compunham a diplomacia cultural dos Estados Unidos para a América Latina durante a Segunda Guerra Mundial.

No que se refere à noção de diplomacia cultural, estamos de acordo com a distinção entre esta e relações culturais, estabelecida por Edgard Telles Ribeiro (2011). Para o historiador e diplomata, as relações culturais teriam como objetivo desenvolver, ao longo do tempo, uma maior compreensão e aproximação entre os povos e instituições, em proveito mútuo. Já a diplomacia cultural seria a utilização específica da relação cultural para a consecução de objetivos nacionais de um dos países, de natureza não somente cultural, mas também política, econômica ou comercial. Em outras palavras, a cultura é entendida, pelos Estados, como mais um instrumento de poder, que também deve ser utilizado porque, por vezes, seduz tanto ou mais que os outros poderes tradicionais dos Estados, como o político, o militar e o econômico.

Ainda de acordo com Ribeiro (2011), a Segunda Guerra Mundial acelerou a percepção norteamericana da utilidade deste poder e a transmissão de informações culturais além de suas fronteiras. O início da participação mais direta dos Estados Unidos, sob a noção do que ficaria conhecida posteriormente como “Diplomacia Cultural”, remonta a 1938, tendo como alvo a América Latina, cuja lealdade, às vésperas da Segunda Guerra Mundial era importante preservar ou conquistar. Neste ano foi criada a *Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado*, cuja responsabilidade se estendia do intercâmbio de professores e alunos à diversas formas de cooperação cultural e intelectual nos campos da música, literatura



e artes plásticas. Ademais, a divisão respondia igualmente pela formação de bibliotecas, produção de traduções de obras representativas da literatura norteamericana, bem como pela participação em produções radiofônicas internacionais.

Vale lembrar que o período é marcado pela “Política da Boa Vizinhança”² para a América Latina. Neste período, em 1940, foi criado o *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the American Republics*, que um ano após ficou conhecido como *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), sob a direção de Nelson Rockefeller. O escritório foi apelidado de *Birô Interamericano* por Gerson Moura (1984).

De maneira geral, o *Birô* estava destinado a coordenar os esforços dos Estados Unidos para a promoção da cooperação e solidariedade com a América Latina (MOURA, 1984). De acordo com Antonio Pedro Tota (2000), o escritório era composto por quatro divisões, a saber: comunicações, com as seções de rádio, cinema, imprensa e esportes; relações culturais, com as seções de arte, música, literatura, educação; saúde, com as seções dos problemas sanitários em geral e comercial ou financeira, com as seções de exportação, transporte, finanças e desenvolvimento.

Com relação à revista, a mesma foi publicada mensalmente, entre os anos 1941-1945, pela Divisão de Informações do OCIAA, com sede em Washington e o apoio da empresa *Business Publishers International Corporation*. No início, a revista recebeu o título de *Em Marcha*- título que seria justificado na medida que as tropas nazistas avançavam. Contudo, em um contexto onde o governo norte-americano pretendia buscar a adesão dos latino-americanos à sua luta, tal termo sugeriria uma dose de agressividade por parte dos Estados Unidos. Por essa razão, em 1940, Cordell Hull, então Secretário de Estado, vetou o título e sugeriu um menos ofensivo: *Em Guarda*. A sugestão agradou porque além de soar mais sutil, daria a impressão de que apenas seria efetuada alguma ofensiva se primeiramente eles fossem atacados. Ademais, além de estarem “*Em Guarda*”, os editores reafirmaram a luta em prol das Américas no subtítulo “*Para a defesa das Américas*”, soando como um grito de guerra (TOTA, 2000).

² De acordo com Moura (1984), a política da *Boa Vizinhança* fundamentava-se nas seguintes ideias: os Estados Unidos abandonariam a política de intervenção na América Latina; reconheceriam a igualdade jurídica entre todas as nações do continente; aceitariam a necessidade de consultas periódicas para resolver os problemas que surgissem entre as repúblicas; e concordariam em cooperar por todos os meios para o bem-estar dos povos da América (p. 17).



Gerson Moura (1984) destaca a importância da revista no Brasil:

Impressa na cidade de Nova Iorque a partir de abril de 1941, a revista “Em Guarda” foi distribuída no Brasil a partir de 1942. Possui tiragens mensais e perdurou de 1941 a 1945. Foi transmitida em três línguas: português, espanhol e francês, justamente para ser vista por todos os americanos situados abaixo do Rio Grande. O Brasil foi o país em que mais ela foi distribuída, concomitantemente, atingiu um maior número de leitores, em média cinco por revista. Somente no ano de 1943 cerca de 630.000 exemplares foram distribuídos no Brasil (MOURA, 1984, p.35).

A revista contém textos e imagens em preto e branco, com exceção as capas e algumas fotografias de destaque, que receberam cor. Selecionamos esta revista para a análise, pois a consideramos uma das mais emblemáticas e promulgadoras dos discursos pan-americanista para a América Latina. Do mesmo modo, também a consideramos um dos instrumentos da Política da Boa Vizinhança que produziu e reproduziu imagens sobre a América Latina e os Estados Unidos, assim como a relação de “amizade” entre os mesmos, ocultando os verdadeiros interesses do vizinho do norte.

A fim de lograr nosso objetivo, este artigo é composto por três partes principais, além desta introdução e das considerações finais: na primeira apresentamos os elementos selecionados pela revista para produzir as imagens dos países latino-americanos, do norte-americano e dos laços de “amizade” dos “Bons Vizinhos”; no segundo analisamos a produção das imagens do inimigo das Américas, a Alemanha nazista, em contraposição ao grande amigo e protetor das Américas, os Estados Unidos; e, na terceira parte, abordamos a necessária colaboração entre os “Bons Vizinhos” para combaterem o inimigo e alcançarem a paz mundial.

A Política da Boa Vizinhança e a Exportação dos Valores Pan-Americanistas para a América Latina

A produção e reprodução das imagens de “bons vizinhos” foi baseada em três aspectos principais, que seriam combinados entre si. Primeiro era necessário “(re)conhecer” as Repúblicas Americanas. Em seguida, identificar os elementos comuns, que possibilitassem a criação de laços de amizade e união entre elas para, finalmente, estabelecer trocas mútuas, por meio da cooperação.



Com relação ao “(re)conhecer”, dentre os aspectos mais mencionados nas matérias da revista, figuravam os de cunho geográfico e histórico. Geográfico, pois era preciso saber a localização e as principais cidades das Repúblicas Americanas. Histórico, pois era preciso conhecer a história, os grandes heróis e a cultura (música, arte, cinema e idioma) dos distintos países. Para lograr este reconhecimento, as matérias das revistas insistiam na importância do ensino do espanhol e inglês nas escolas- como os casos do ensino de inglês em Assunção e do espanhol em Nova York. Em algumas matérias, quando tratavam do ensino do idioma, acabavam por tratar das principais cidades ou das capitais dos países latinoamericanos.

Nas revistas analisadas havia, pelo menos, uma matéria que tratava de cada país da América Latina e Caribe, em que se procurava apresentar um panorama geral do país, reunindo aspectos como a geografia, a história, a política, a economia (e os principais produtos que produz), a educação, a população, a saúde, o clima, os costumes, temas diversos (como a questão do trabalho e do voto) e o tipo de relação que mantinha ou poderia ter com os Estados Unidos. Panamá, Guatemala, Costa Rica, Haiti, El Salvador, Nicarágua, Cuba, Equador, Chile, Venezuela, Colômbia, Peru, Paraguai, Brasil, México, Honduras e Uruguai foram alguns dos países tratados nestas matérias especiais.

Além destas matérias especiais, a revista também produziu matérias de temáticas específicas, como sobre a arte em alguns dos países. Foi assim que a pintura mexicana e a cubana, o cinema mexicano e a educação no México e no Paraguai foram apresentados aos leitores. O mesmo ocorreu com a escultora Maria Nunes Del Prado da Bolívia, o poeta Guillermo Valencio da Colômbia e o compositor Heitor Villa Lobos do Brasil.

No que se refere aos heróis nacionais, José Martí, Sarmiento, Simón Bolívar, Antônio Jose de Sucre (Marechal de Ayacucho), Benito Juárez e Francisco de Miranda receberam espaços de destaque na revista. A publicação procurava fazer referência ao passado estabelecendo uma relação com aquele presente, sobretudo em temas como a união necessária do momento entre os países da América Latina, como algo proposto pelos heróis, mas atribuindo mais uma aproximação “necessária”, que seria com o vizinho do norte.

Todas as matérias sobre os países latino-americanos e caribenhos eram compostas por uma parte final, que combinava imagens e textos, relacionados as matérias-primas que contribuiriam para o esforço de guerra, tema do qual trataremos no terceiro tópico.



Além destas matérias, a sessão especial intitulada “Pelos Américas” tratava da circulação dos distintos povos entre as Américas, além dos principais acontecimentos do mês. Estes elementos mencionados contribuiriam para a criação de imagens de identificação, entre os países do sul e do norte, e o estabelecimento de elementos comuns entre as Repúblicas, a fim de aproximá-las. Dentre os elementos comuns, valorizava-se tanto os que já eram costumes como os que tinham “potencial” em ser, como: a moda, o cinema e o esporte (baseball). Com relação à moda, a matéria “A moda entre os bons vizinhos” procurava ressaltar a influência exercida pelas artes e pelas tradições das Repúblicas Americanas nos últimos anos para a mulher norte-americana, refletida na própria maneira de vestir-se. Deste modo, a matéria referia-se à influência positiva das cores importadas da Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Equador, Guatemala, México e Peru, que tinham contribuído para a renovação da moda norte-americana.

Em outras palavras, a moda era considerada um elemento importante para projetar não mais o conhecer, mas o reconhecer os aspectos comuns, que aproximariam os países, tal como difundiria os costumes entre eles. A outra face do aspecto selecionado era a própria reprodução de estereótipos dos países latino-americanos.

Com relação ao cinema, a revista difundia a produção cinematográfica, sobretudo a de filmes norte-americanos no período, para a América Latina e Caribe. Ademais, tratava de outras iniciativas que envolviam cinema, como a reprodução dos filmes nas escolas e o Congresso Pan-Americano para as crianças. A valorização da interação entre as crianças também deve ser considerada uma vez que também possibilitava a integração entre os povos.

O último aspecto mencionado pela revista, como elemento comum, que possibilitaria a interação e integração dos povos era o baseball. Sob o título “Estimula a amizade”, a matéria sobre o baseball demonstrava como o esporte aproximava os povos das Américas: “*o baseball (...) atualmente, está alcançando crescente popularidade além das fronteiras norte-americanas, atraindo habéis jogadores do México, de Cuba, da Venezuela e de Porto Rico*” (EM GUARDA, ano III, número 11). Além de aproximar, a revista assinalava que estes jogavam como os norte-americanos, inclusive substituindo-os nas ligas esportivas, que foram incorporados nos serviços das forças armadas

Alguns dos problemas e desafios dos povos das Américas também seriam identificados como comuns e, conseqüentemente, também seriam utilizados como elementos



de aproximação, interação e solidariedade entre os povos. Por essa razão, os projetos de cooperação entre os países, em determinadas áreas, como na agricultura, como os estudos do Instituto Agrário Interamericano, na segurança, como a Defesa Interamericana, e na saúde, como o Congresso da Associação de Médicos das Américas, também seriam mencionados. No próximo tópico trataremos de outro elemento que tornar-se-ia comum para as Américas: o inimigo nazista.

Para a Defesa das Américas: a construção do Inimigo e do Amigo das Américas

De forma geral, ainda que os japoneses e os italianos aparecessem na revista, também como representantes do mal, os que mais apareciam eram os nazistas e, portanto, seriam representados como o grande inimigo das Américas. As referências ao nazismo, seja em imagens e textos, apareciam em três situações: capas e imagens, explicitando a destruição e a miséria nos locais que o inimigo passava; as matérias específicas, que apresentavam os planos de ocupação nazista nas Américas; e a contraposição das imagens do “inimigo” com a do “amigo” das Américas, do “bem” contra o “mal”, sobretudo a partir de 1944, procurando ressaltar os esforços de guerra do “amigo” das Américas pelo combate ao nazismo, tal como das vitórias dos Aliados em decorrência da derrota do Eixo.

Com relação às capas e as imagens distribuídas nas matérias da revista, muitas apareciam apenas com escritos ou legendas. No caso das capas, a imagem abaixo nos parece emblemática:



Imagem 1: “O que os nazistas fizeram”. Fonte: EM GUARDA, ano III, número 6.

A capa combina a imagem da destruição, apenas com uma criança e um idoso, com o escrito “o que os nazistas deixaram”. A destruição poderia ser tomada em sentido mais



amplo, isto é, não apenas a destruição dos aspectos materiais, como de cidades e casas, como também de aspectos simbólicos, relacionado ao emocional, com a destruição da própria família e dos amigos, ou seja, tratava-se também da destruição da vida dos inocentes. Ademais, o escrito mencionado reforçaria a imagem de destruição acompanhada de outros elementos que o leitor poderia atribuir como ruína, dor, tristeza, perda e solidão.

A composição de tais imagens era combinada com outros horrores provocados pelo nazismo, como a exposição de crianças judias, o roubo de determinados materiais de primeiras necessidades nas cidades ocupadas e a situação miserável em que as cidades ocupadas estavam. Todos estes elementos eram elencados em contraposição à bonança dos líderes do Estado alemão. Este tipo de contraposição era recorrente na revista, uma vez que reforçava o próprio discurso de interesses egoístas, de riqueza de uns pelo sofrimento de muitos e do expansionismo alemão. Assim, a partir da seleção de distintos elementos e situações era construída a imagem dos nazistas como o grande inimigo externo e interno das Américas, que deveria ser combatido a qualquer custo.

Outra forma muito utilizada pela revista era as matérias sobre os planos dos nazistas nas Américas. Dentre as matérias, selecionamos a intitulada “os objetivos alemães nas Américas”, na qual a revista apresentaria o plano nazista na região. A narrativa apresentava a Alemanha como a principal responsável pela desestruturação da paz mundial. Após a introdução dos estragos ocasionados, introduziam-se os argumentos que tornaram-nos o alvo:

Economicamente, as repúblicas americanas permanecem como objetivos extremamente tentadores para um golpe pangermânico, especialmente por causa de seus grandes recursos naturais já então de um aproveitamento muito mais desenvolvido do que antes, mercê dos intensivos trabalhos de industrialização verificados nestes últimos cinco anos. “Aqui, no Brasil”, disse Hitler ao seu amigo Hermann Rauschning, apontando no mapa, criaremos uma nova Alemanha. Encontraremos tudo de que precisamos. E com a riqueza contida no solo mexicano, a Alemanha será rica e forte” (...). Politicamente também, as repúblicas americanas são uma presa lógica para os pseudos ditadores do mundo. Os arquitetos alemães de um globo terrestre feito sob medida, manipulado em Berlim, desde há muito reconhecem que, para serem bem sucedidos, terão que subverter o hemisfério onde as tradições de liberdade individual são as mais enraizadas, ou, segundo o ponto de vista germânico, onde a *caótica* instituição democrática está definitivamente firmada. “Se há lugar onde a democracia é suicídio e sem significação, é precisamente na América Latina”, declarou Hitler a Rauschning (EM GUARDA, ano IV, número 11, s/p).



Os argumentos combinavam elementos de atração pelo subcontinente com de suposta fragilidade e, conseqüentemente, razões para ocupar a região. Ademais, os “amigos especiais” dos Estados Unidos, isto é, Brasil e México apareciam como os principais alvos da ocupação nazista. Após a descrição dos aspectos que motivavam os nazistas, o “plano de ocupação” era apresentado a partir de um mapa da América Latina dividido em lotes, com a legenda “A América do Sul e o plano divisionário alemão. Cada uma das zonas seria dirigida por alemães” e a descrição do plano:



Imagem 2: “A América do Sul e o plano divisionário alemão. Cada uma das zonas seria dirigida por alemães”. Fonte: (EM GUARDA, ano IV, número 11, s/p).

De acordo com a revista, a ofensiva alemã para as Américas começou logo após a ascensão de Hitler ao poder, sendo contida somente após as medidas políticas e militares para conter os seus efeitos. Apesar disto, a revista afirmava que a principal arma dos nazistas na América Latina foi a população alemã que, em grande parte, se estabeleceu como gente amiga e dedicada à atividades normais, principalmente no comércio (EM GUARDA, ano IV, número 11).

Para compor o inimigo nazista, tal como a sua expansão, a revista combinava supostas conversas de Hitler com seus funcionários mais próximos, tal como outras obras, inclusive do início do século XX, que exaltavam e justificavam o expansionismo alemão. A partir de afirmações deste tipo, afirmava-se que, entre 1932-1942, estes “apelos emocionais” seduziam os emigrantes alemães, que em geral se mostravam bons cidadãos, que respeitavam as leis. Contudo, estes imigrantes formavam um exército hostil na América Latina. Ademais, ainda segundo a revista, organizavam-se politicamente também:



Está agora definitivamente constatado que, durante a mesma década [1932-1942], muitos alemães nas Américas se organizaram formando um setor do partido nazista com hierarquia similar à do partido da Alemanha. Estes elementos nazistas no estrangeiro estavam divididos em territórios, círculos, distritos, pontos de apoio, grupos locais, células e blocos. O plano alemão foi ideado cuidadosamente, e tão grande era a confiança na vitória que toda a América Latina já estava dividida em seis zonas correspondentes, aproximadamente, à proposta alteração do seu respectivo mapa, após a conquista. Em Buenos Aires encontrava-se o quartel general e o centro nervoso da maquinaria instalada primeiro para subverter e conquistar, depois para administrar (...). Buenos Aires destinava-se também a ser o centro da zona do Rio da Prata, que incluía o Uruguai, o Paraguai e três Estados brasileiros- a Alemanha Antártica. A zona meridional, incluindo a Patagônia, tinha seu quartel general em Santiago, Chile. A zona da Amazônia oriental era dirigida por Lima; a zona panamênia tinha o centro em Bogotá, e a do Mar de Caraibas, em Havana, O Brasil constituía uma zona aparte (EM GUARDA, ano IV, número 11, s/p).

Para lograr o objetivo do plano, os nazistas se utilizaram: da espionagem, para obter informações sobre os aspectos militares das Américas; da organização e coesão de todos os alemães, a partir de atividades culturais, recreativas, diplomáticas, religiosas e criativas; e da penetração e enfraquecimento dos moldes sociais e político-democrático das Repúblicas Americanas. As afirmações sobre as estratégias eram acompanhadas de exemplos em distintos países da América Latina, a fim de legitimá-las.

Estas imagens de avanço nazista em outros países eram combinadas com outro tipo de invasão, a cultural, nas Américas, a partir de imagens sobre a cultura alemã nas Américas. Se em outros países, sobretudo europeus, o avanço das tropas nazistas seria por meio das armas de fogo, no caso das Américas, este avanço teria como principal arma a propaganda, sobretudo da ideologia nazista, dos seus feitos e da sua superioridade cultural para, posteriormente, se necessário, o avanço com armas de fogo. A matéria procurava produzir o efeito, o fazer crer que, na América Latina, esta invasão cultural já tinha começado, sobretudo nos países que continham grande número de colônias alemãs, como o caso do sul do Brasil e da Argentina, locais em que os imigrantes atuavam nas “sombras”, propagando o “mal”.

Este outro tipo de “invasão” era combinado aos outros elementos apresentados a fim de conduzir o leitor para o convencimento da ameaça e do inimigo nazista, tal como o fortalecimento da “amizade”, da “união” das Repúblicas com o vizinho do Norte e da conformação de uma frente única, para conter o inimigo nazista. No tocante à frente única, as



Conferências do Panamá (1939), Havana (1940) e Rio de Janeiro (1942) foram mencionadas como exemplos da conformação da frente, tal como da defesa do subcontinente americano.

Neste contexto que os Estados Unidos apareciam como o grande líder do combate ao nazismo nas Américas. Para tal, a publicação também auxiliaria na produção e reprodução de imagens dos Estados Unidos como o grande “amigo” das Américas, como o “bem” para as Américas, em contraposição ao “inimigo” e ao “mal” para as Américas. As imagens de “amizade” e “união” entre as Américas seriam combinadas com outras do “grande irmão” e verdadeiro protetor da região.

Tal como o “inimigo”, o “amigo” das Américas, seja em imagens e textos, aparecia em três situações principais, relacionadas diretamente à atuação do “inimigo”: na luta contra a expansão e destruição nazista nos demais países do mundo; na contenção da invasão nazista nas Américas; e, sobretudo no fim da guerra, nos custos materiais e “simbólicos” dos esforços de guerra.

Na primeira situação as capas da revista eram as mais emblemáticas pois, em sua grande maioria, apresentavam os novos e modernos armamentos de guerra, os principais personagens norte-americanos- como os presidentes anteriores e daquele momento dos Estados Unidos, os ministros, os generais e os almirantes-, os soldados em guerra e as ofensivas contra os inimigos.

Os armamentos, os comandantes, os soldados e a ofensiva compunham o quadro de imagens referente à capacidade que os Estados Unidos tinham para lutar contra o inimigo e, posteriormente, para vencer a guerra. Além desta ofensiva armada, outra que aparecia, inclusive nas capas, era a equipe de enfermeiras, que atuavam nos conflitos, também mencionadas como soldadas fundamentais. As mulheres também foram exaltadas na revista, sobretudo pela mudança de papéis que tiveram que assumir durante a guerra, nos campos de batalha externo, atuando como enfermeiras, e no interno, nos Estados Unidos, como as soldadas da produção.

A composição de notícias da revista procurava produzir imagens de trabalho, organização, disciplina, união e apoio ao presidente Roosevelt. Além disto, o esforço dos norte-americanos em torno de um objetivo comum- garantir a ordem interna para combater o



inimigo e estabelecer a paz- também era reforçado. Deste modo, tais imagens deveriam ser combinadas com as vitórias na luta contra os inimigos, para a “libertação dos povos”.

Também foi recorrente o uso de imagens de crianças, jovens, adultos e idosos, que, de alguma maneira, estavam contribuindo para o esforço de guerra. Ainda com relação ao apoio, vale observarmos a matéria sobre a reeleição do presidente Roosevelt, em 1945, que, segundo a revista, expressava o apoio e a confiança da nação ao governo:

O resultado da eleição também veio consolidar a pluralidade do partido do presidente em ambas as casas do Congresso, reafirmando assim a aprovação do eleitorado quanto à ação que o governo tem emprestado ao esforço de guerra conduzindo o país a vitória. De não menor importância é igualmente expressão decorrente da vontade nacional, levando, com renovado vigor às Nações Unidas, a prova de que o povo norte-americano está firmemente solidário com seu presidente, satisfeito com a continuação de sua política de cooperação internacional e especialmente da unificação das Américas, através da Política da Boa Vizinhança (EM GUARDA, ano IV, número II).

O trecho extraído reúne alguns dos principais elementos do discurso pan-americanista, utilizados para a composição da imagem dos Estados Unidos como “amigo” e o “bem” para as Américas. Em primeiro lugar, os valores democráticos, que garantiam eleições, seguidos de outros como o respeito à vontade nacional, a solidariedade, o apoio e a união de todos à obra do presidente, a importância da cooperação internacional e da continental. Ademais, Roosevelt apareceria como o grande “unificador” das Américas, a partir da Política de Boa Vizinhança.

A partir do material que analisamos podemos notar que os Estados Unidos apareceriam como o grande exemplo das Américas, que deveria ser seguido pelos demais países. Esta noção aparecia não apenas nos aspectos selecionados, que forjavam uma imagem ideal dos Estados Unidos e da nação norteamericana, como, principalmente, nas consequências da guerra para a população, tal como a perseverança em continuar no combate em nome de um “ideal maior”, que ultrapassava a nação norteamericana e atingia uma dimensão “continental”.

O dia-a-dia dos norteamericanos, tal como as dificuldades decorrentes do estado de guerra apareciam também nas matérias da revista, ainda que em grau menor do que os aspectos que apontavam a vitória na guerra. Sob o título “O Custo da Vida- os transtornos causados pela guerra”, a matéria abordava, a partir das condições materiais, das necessidades



diárias da população, os problemas ocasionados pela situação de guerra. A escassez de dinheiro, a inflação e o racionamento de alimentos eram os principais problemas abordados pela matéria. A mesma explicava, não apenas aos norte-americanos, mas aos leitores da revista, os responsáveis pela situação de guerra, a causa da situação vivenciada, tal como os esforços do governo, a fim de garantir os produtos para todos os cidadãos norte-americanos. Embora em situação de dificuldade, os Estados Unidos apareciam como um exemplo de país solidário que, ao exportar seus produtos aos demais países aliados, enfrentavam dificuldades internas, deixando seus próprios cidadãos em situação delicada.

Outra forma de abordar a noção de “Custo da Vida”, tal como de sacrifício, no sentido literal, eram as perdas humanas, que também eram apresentadas em diversas matérias da revista. As imagens de perda e de dor eram acompanhadas de textos, que reforçavam a culpa dos nazistas pela situação que muitas pessoas inocentes passavam. As matérias combinavam as imagens de dor e sacrifício ao dever de seguirem lutando, para que finalmente conseguissem combater o inimigo e atingissem a paz mundial.

Por fim, a última situação em que o “amigo” norte-americano aparecia, que ainda não foi mencionada por nós, era na proteção do continente americano. Para tratarmos de tal situação é necessário articular as imagens dos Estados Unidos com as imagens de colaboração indispensável dos países vizinhos, formando a “Frente Única”, a qual trataremos no próximo tópico.

A “Frente Única” na Guerra pela Libertação: Estados Unidos e a América Latina contra o inimigo comum

Após o ataque a Pearl Harbor, em 1941, os Estados Unidos iniciaram uma investida ainda maior no subcontinente, pressionando para que os países rompessem relações com o Eixo e, posteriormente, declarassem guerra, formando uma frente única americana. A revista foi um dos instrumentos utilizados para lograr o objetivo norte-americano. Para tal, era preciso reforçar as imagens de amizade e solidariedade já mencionadas, tal como dos laços entre os Estados Unidos e América Latina e a ameaça do “mal” no subcontinente, para pressionar a tomada de posição das Repúblicas Americanas.



Deste modo, os “bons amigos” apareciam em duas situações principais, ainda que articuladas entre si: como os grandes amigos e apoiadores do esforço de guerra norteamericano e como os grandes colaboradores dos Estados Unidos, a partir do fornecimento de matéria-prima e, posteriormente, de homens e de territórios para bases militares. Ademais, vale mencionarmos as matérias publicas no final da guerra, que revelavam a posição que os países latinoamericanos receberiam após a guerra.

Com relação a situação de apoiadores, intitulada “As Américas APLAUDEM” a matéria, publicada no ano II, no número 3 da revista, como o próprio título com a palavra aplaude em maiúscula revela, produziam imagens de completo apoio dos governantes e dos principais personagens da região à luta dos Estados Unidos contra os inimigos do Eixo na África. Ainda de acordo com a revista, as mensagens dos personagens das Américas foram dirigidas ao Roosevelt e ao Secretário de Estado Cordell Hull, assim como em discursos da grande imprensa. As imagens dos personagens eram seguidas por suas declarações:



Imagem 3 e 4: “As Américas APLAUDEM”. Fonte: EM GUARDA, ano II, número 3.

“Apoiemos com entusiasmo esta ofensiva, porque ela antecipa o plano alemão de invasão e fortalece tanto a segurança do Brasil como das Américas”, afirmara Getúlio Vargas, desde o Brasil. “Este é o começo da libertação dos oprimidos da Europa. Vem por em relevo o nobre propósito do governo dos Estados Unidos em prol dos interesses democráticos”, declarou Fulgêncio Batista, desde Cuba. “O governo e o povo da Argentina acompanham com usual interesse os esforços dessa grande nação em prol da segurança da América”, alegara Enrique Ruiz Guinazú, Ministro das Relações Exteriores da Argentina. Eis algumas das declarações da matéria que seguiam com outras, de outros personagens da



América Latina, como Jorge Ubico da Guatemala, Isaías Medina Angarita da Venezuela, Rafael Angel Calderón da Costa Rica, Anastásio Somoza da Nicarágua, Alfonso Lopez da Colômbia, Manuel Prado do Peru, Enrique Peñaranda da Bolívia, Tiburcio Carias Andino de Honduras, Manuel Avilla Camacho do México, Higinio Morinigo do Paraguai, Alfredo Baldomir do Uruguai, Maximiliano Hernandez Martinez de El Salvador, Rafael Leónidas Trujillo Molina da República Dominicana, Antonio Rios do Chile, Carlos Alberto Arroyo del Rio do Equador, Ricardo Adolfo de la Guardia do Panamá e Elie Lescot do Haiti.

As palavras de “ordem”, que mais apareceram nestas declarações, foram: ameaça, apoio, cooperação, defesa, democracia, liberdade, libertação, opressão, solidariedade e povo. As mensagens foram utilizadas não apenas para reforçar a imagem de apoio, compreensão e solidariedade dos povos latinoamericanos como também para legitimar os atos norteamericanos e os valores pan-americanos, como os de democracia e liberdade dos povos. Ou seja, legitimava também a propagação do “bem”, do “amigo”, por meio de missões em outras partes do mundo.

Além de matérias, as capas de início e de final da revista também compunham esta propagação de imagens de união e solidariedade entre os povos americanos contra o inimigo comum, como podemos notar na imagem abaixo:



Imagem 5: “Unamo-nos contra a agressão”. Fonte: EM GUARDA, ano II, número 4.

A combinação dos escritos “UNAMO-NOS” com os escritos “CONTRA A AGRESSÃO” expressava outra forma de propagar a ideia de união das Américas em torno de um objetivo comum. A imagem também revelava esse objetivo comum, uma vez que mostrava as bandeiras das Repúblicas Americanas, amarradas em um mesmo bastão, com três mãos segurando, representando as “três” Américas- Norte, Central e Sul-, para combater o



inimigo comum, a serpente. Ademais, vale notar que, ainda que as diversas bandeiras americanas estejam representadas, a posição de cada uma é significativa, sobretudo a dos Estados Unidos, que aparece como a primeira, mais próxima do bastão, como se a partir dela que todas as outras estivessem articuladas. Para nós este posicionamento é importante pois também revelava o lugar e o papel dos Estados Unidos nas Américas, como o grande líder e responsável pela articulação das demais bandeiras. Além disso, também é significativo que embora as distintas cores, todas as bandeiras têm o mesmo formato e tamanho, ocupam o mesmo espaço, e estão inseridas em uma composição maior, em que todas estão articuladas, unidas por algo comum.

Outros tipos de matérias que apareciam, para reforçar este apoio e solidariedade entre os americanos, eram as que tratavam das visitas presidenciais aos Estados Unidos, das condecorações aos Ministros de Guerra dos países- como foi o caso do General Dutra, após a declaração de guerra do Brasil-, as que festejavam o rompimento dos países latinoamericanos com o Eixo e a entrada dos mesmos na guerra.

Dentre as matérias, destacamos o caso da entrada do México e do Brasil na Segunda Guerra Mundial. “México em pé de guerra” era o título da matéria que tratava, com exaltação, da entrada do México na Segunda Guerra Mundial:

Unida e coesa, a nação mexicana está hoje contribuindo para a queda de líderes do Eixo, que há um ano, no auge da sua prepotência, mandaram afundar um navio mercante do México, menosprezaram o protesto do seu governo e provocaram a entrada do país na guerra (...). Quando o México declarou a guerra, em Maio de 1942, a nação estava preparada para aceitar o desafio de Hitler. Em cumprimento de suas obrigações continentais, o México, juntamente com outras Repúblicas Americanas, rompeu as relações com o Eixo (EM GUARDA, ano II, número 7).

De maneira geral, os comentários sobre a entrada do México na Segunda Mundial procuravam combinar as razões de tal feito a partir de motivações interna, nacional, e externa, sobretudo relacionada ao subcontinente e, mais especificamente, a solidariedade aos Estados Unidos e demais Repúblicas Americanas. Ademais, a noção de uma nação unida e coesa, que apoiava a decisão do presidente, pois estava ciente que era uma luta do “bem” contra o “mal” também foi muito utilizada.



Outro caso significativo foi a matéria “Brasil entra na Segunda Guerra Mundial”, em que também se festejou a entrada do grande “irmão” do Sul, em solidariedade aos povos americanos:

A GRANDE nação brasileira, respondendo ao desafio dos consecutivos ataques às suas linhas de comunicação dentro de suas próprias águas territoriais, declarou guerra à Alemanha e à Itália. Fê-lo num gesto característico de nação digna, ciosa de sua soberania. Sua atitude toma inconfundível caráter de defesa da dignidade, da soberania, liberdade e segurança de todas as Américas (...) afirmou o presidente Roosevelt em mensagem dirigida ao presidente Vargas, “decisão que vem dar mais força, moral e material, aos exércitos da liberdade. Como companheiros de armas, nossos soldados e marinheiros perpetuarão mais uma página na história já repleta de provas de amizade, confiança e cooperação que têm marcado, desde os primeiros dias da independência, as relações entre nossos países. A decisão hoje tomada pelo vosso governo vem apressar o advento da inevitável vitória da liberdade contra a opressão, da religião cristã sobre as forças do mal e das trevas” (EM GUARDA, ano I, número 12, s/p).

Novamente podemos notar a referência a uma decisão coletiva, nacional, mediante motivações de âmbito interno, nacional, combinadas com externo, subcontinental. Além disto vale observarmos o uso das noções de defesa, dignidade, liberdade, segurança e soberania das Américas, contribuindo para a noção de todos unidos em torno de um ideal e, principalmente, da legitimação dos feitos dos Estados Unidos, tal como da noção dos Estados Unidos como o grande protetor da América Latina. Esta legitimação também pode ser encontrada no trecho extraído da mensagem de Roosevelt à Vargas, em que assegura que tal ação daria mais força moral e material para os esforços de guerra, além de reforçarem, uma vez mais, as “provas” de amizade, confiança e cooperação entre os Estados Unidos e o Brasil. Finalmente, também precisamos notar a noção de luta e de vitória do “bem”, representado pelos Aliados, no caso das Américas, sob a liderança dos Estados Unidos, contra o “mal”, representado pelo Eixo, sob a liderança da Alemanha nazista, a fim de garantir a liberdade dos povos oprimidos.

Apesar das matérias da revista produzirem imagens sobre a amizade dos Estados Unidos com a América Latina como um todo, vale lembrar que nem todas as “amizades” tinham a mesma forma, sobretudo quando recordamos o caso do México e do Brasil, considerados os amigos especiais dos Estados Unidos. A amizade especial entre os três países era revelada não apenas na quantidade maior de matérias na revista, quando comparadas com



as matérias sobre os outros países, como também em outros tipos de produção cultural, como é o caso do filme “Os três amigos”, lançado em 1945 e divulgado também pela revista.

A matéria “Os três amigos” tratava especificamente do novo filme dos dois astros de cinema, Pato Donald e José Carioca que, após as aventuras de “Alô Amigos”, de 1942, estariam mais uma vez fazendo amigos e admiradores nas Repúblicas Americanas. De acordo com a revista, com o novo amigo Panchito do México, os três cavaleiros seria o relato musical de uma viagem dos três companheiros pelas Américas, em que estaria presente a mútua garantia de “um por todos e todos por um”. Ademais, os três compartilhariam da música, da beleza e das inúmeras atrações da terra de cada um.

Deste modo, o filme seria mais uma forma de reproduzir as imagens sobre a amizade, união e solidariedade entre os povos americanos, a partir dos amigos especiais, que representavam Brasil, México e Estados Unidos. De acordo com Tota (2014), os filmes da Disney, que envolviam Pato Donald e os amigos latino-americanos, poderiam ser interpretados como uma forma de “divisão internacional” do esforço de guerra. Neste sentido, enquanto os filmes que combinavam os personagens, tendo como cenário os países da América Latina, apresentavam bens simbólicos, que remetiam ao prazer, numa espécie de sociologia da preguiça, os que retratavam apenas o Pato Donald, tendo como cenário os Estados Unidos, pagando impostos de renda ou como operário, apresentavam bens materiais identificados com o trabalho e o vigor das fábricas.

Consideramos que a noção de “divisão internacional” do esforço de guerra pode ser ampliada, para além do filme, sobretudo quando se trata da colaboração dos países latinoamericanos, marcado por momentos em que os países exportariam as matérias-primas e receberiam bens industrializados. Nas matérias da revista foi recorrente a imagem da América Latina como a grande exportadora de matéria-prima. A matéria “Os minerais das Américas” auxilia-nos a dar o tom da colaboração da América Latina para os esforços de guerra dos Estados Unidos:

Os minerais, que são tão imprescindíveis para a guerra moderna, têm sido uma das contribuições mais importantes das Nações Americanas para a vitória das Nações Unidas (...). Sem estes seria impossível fabricar a grande quantidade de armamentos necessários para assumir a ofensiva nos diversos teatros da guerra. Os países da América são uma das fontes mais copiosas de minerais do mundo. O aproveitamento das riquezas minerais do Hemisfério



Ocidental é de suma importância, não somente para obter a vitória, como também para garantir a prosperidade das Nações Americanas depois do conflito (...) (EM GUARDA, ano III, número 1).

A introdução da matéria dos minerais das Américas era seguida por imagens de cada metal e legenda de cada um deles, suas funções e importâncias específicas, tal como em que países da América estavam localizados.

A colaboração dos países latinoamericanos para os esforços de guerra norte-americano reforçava a própria noção da “divisão internacional” destes esforços, sendo a América Latina a grande fornecedora de matéria-prima e os Estados Unidos os que detinham a capacidade de transformá-la em armas. Embora este discurso estivesse implícito, algumas imagens de matérias sobre os esforços de guerra reforçavam tal divisão, como é o caso da imagem que segue abaixo:



Imagem 6: “A guerra e o comércio”. Fonte: EM GUARDA, ano III, número 7.

A flecha da imagem pode ser compreendida como o caminho que seria percorrido até o destino final. Da América do Sul saíam as matérias-primas e os produtos de necessidade básica- como óleos vegetais, alimentos, borracha, madeira, metais, minerais, petróleo, lã, fibras e drogas e medicamentos-, que chegariam aos Estados Unidos, no centro da imagem, sendo transformados em embarcações de grande porte, navios de guerra, aviões e armas de fogo, para chegarem no destino final, que seria o ataque aos nazistas e aos outros inimigos do Eixo. Além da imagem, o texto da matéria também reforçava a noção que durante a guerra, a América Latina seria a grande fornecedora de matéria-prima para o mundo:

ao terminar a guerra, estarão habilitadas a produzir muitos dos itens de importação consumidos pelo vasto mercado que são os Estados Unidos (...). Ao mesmo tempo, a capacidade industrial dos Estados Unidos tem se expandido extraordinariamente. A conversão de grande parte dessa



capacidade produtiva criada pela guerra, para a produção de mercadorias de consumo civil, ajudará a satisfazer as necessidades dos mercados interamericanos nos países que não as fabricam (...) espera-se que, depois da guerra, as nações americanas tenham importante desempenho no desenvolvimento do comércio mundial (EM GUARDA, ano III, número 7, s/p).

O trecho extraído também revelava o papel que a América Latina teria após a guerra: a grande fornecedora de matéria-prima e mercado consumidor dos bens industrializados dos Estados Unidos. A matéria “As nações americanas e a vitória” reforçava a imagem de colaboração fundamental dos países da América Latina para a vitória do “bem” contra o “mal”. A matéria foi produzida no final da guerra, momento em que os Aliados já estavam derrotando o Eixo. Deste modo, a mesma revelava outros objetivos e imagens como as de união, solidariedade e apoio das Repúblicas Americanas diante de um objetivo comum. Ademais, este momento final da guerra também revelaria o papel que as Repúblicas Americanas e que os Estados Unidos teriam na reorganização do Sistema Internacional, tal como da manutenção da paz mundial: as Repúblicas Americanas como espectadores e os Estados Unidos como protagonistas.

Outra forma que a América Latina aparecia como colaboradora dos esforços de guerra foi pelo envio de tropas para o combate, como o caso das diversas matérias sobre os brasileiros na Itália, e pelo estabelecimento de tropas e patrulhas das Nações Unidas nos países. A matéria “Américas e a GUERRA” é significativo para refletirmos acerca deste outro tipo de colaboração: a ocupação física do território. O controle, ocupação e monitoramento das Repúblicas Americanas pelos Estados Unidos e outras tropas aparecia em forma de completa colaboração e solidariedade entre os americanos, em nome do esforço de guerra. As construções, os portos marítimos, a rodovia Panamericana, o porto de Valparaíso no Chile e o canal do Panamá também foram exaltados como forma de colaboração.

Desde meados de 1945, mesmo antes do falecimento de Roosevelt, as matérias da revista, que tratavam da reorganização do Sistema Internacional já revelavam a mudança dos papéis dos Estados Unidos e América Latina. Intitulada “Novos objetivos para as Américas”, com o subtítulo “Assentadas na histórica Conferência do México as bases para um continente melhor”, a matéria tratava dos novos acordos entre as Américas, que postergariam a paz, a colaboração e a fraternidade nas Américas. A relação entre as Américas era colocada como o



grande exemplo para o mundo, sobretudo quando tratava-se da “Boa Vizinhaça”. Ademais a contínua colaboração e respeito entre as Américas, mesmo após o fim da guerra, também era algo enfatizado. As declarações do México e de Chapultepec, reproduzidas de forma integral pela revista, eram uma forma de reafirmar as imagens já mencionadas, tal como de propagar a noção destes “novos objetivos”.

Com relação aos “novos objetivos”, a América Latina continuaria como a grande fornecedora de matéria-prima e mercado para os bens industrializados norte-americanos, sob uma conjuntura internacional distinta. Deste modo consideramos que não eram os objetivos que eram “novos”, mas o próprio discurso norteamericano sobre a noção do papel e da participação dos demais países americanos na reorganização do Sistema Internacional, passando de protagonistas para espectadores, que eram refletidos nas matérias da revista, como já mencionados. A participação secundária desta reorganização, mais como espectadores, era justificada pela participação do grande “protetor” das Américas, promulgador do “bem” e dos valores pan-americanos para o mundo, que representariam e defenderiam os interesses das Américas.

O fim da Segunda Guerra Mundial implicou no fechamento do OCIAA, tal como da revista, uma vez que os motivos imediatos de sua criação não existiam mais, nas palavras de Tota (2000): “*a fábrica de ideologias’ havia sido fechada. Não tinha mais serventia*” (p.190). Concordamos com Moura (1984) ao apontar uma das razões do encerramento das atividades do Birô. De acordo com o historiador, a América Latina era uma área politicamente “pacífica” quando comparada aos “problemas maiores” que os Estados Unidos teriam que enfrentar na Europa, na Ásia e na nova conjugação de forças no tabuleiro internacional que configurariam na Guerra Fria. De qualquer forma, os estudos e pesquisas realizadas seriam enviados ao Departamento de Estado e a América Latina continuaria sob a “supervisão” e “monitoramento” dos Estados Unidos, tal como seguiria recebendo a intensa propaganda do *American Way of Life*.

Considerações Finais: da América para o Mundo

Procuramos analisar como o discurso pan-americanista foi construído observando os elementos selecionados e reproduzidos pela revista e o tipo de relação que a América Latina



deveria ter com os Estados Unidos. Para tal, estruturamos o trabalho em três partes, ainda que articuladas entre si, procurando demonstrar os elementos mais utilizados para compor as imagens de amizade e união entre os “Bons Vizinhos”, seguidas pelas construções do inimigo e do amigo das Américas e finalizadas pelo apoio e cooperação ao esforço de guerra, para que o inimigo fosse combatido e a paz mundial fosse alcançada.

Como a própria mensagem final da revista revela, *Em Guarda* teve um papel importante para a produção e reprodução de determinadas imagens sobre as Américas e as relações com os Estados Unidos, constituindo-se como um instrumento da própria Diplomacia Cultural dos Estados Unidos. Também vale assinalarmos a transformação do papel das Américas no conflito mundial, de acordo com a necessidade dos Estados Unidos. Como mencionamos, no final da guerra, as Américas passariam de protagonistas do esforço de guerra a espectadores da reorganização do Sistema Internacional, ainda que continuassem incorporados na “divisão internacional do trabalho”. Deste modo, o subcontinente continuaria como grande fornecedora de matérias-primas e mercado consumidor dos produtos industrializados dos Estados Unidos e dos valores pan-americanos.

Apesar do fechamento do Birô, as Américas eram o espaço que mais tinha institutos culturais norte-americanos naquele período. De acordo com Ribeiro (2011), em 1946, havia 27 institutos culturais em todo mundo, sendo que a maior parte deles estava na América Latina. A exportação dos valores norte-americanos para as Américas seria expandida para outros países do mundo, sobretudo com o início da Guerra Fria. Contudo, as imagens e noções de “Boa Vizinhança”, de união e dos Estados Unidos como o grande “protetor” de todos os males nas Américas continuariam a ser propagadas por outros instrumentos dos Estados Unidos.

Referências

Fontes

- Revista *Em Guarda*: para a Defesa das Américas, ano I, número 11.
_____, ano I, número 12.
_____, ano II, número 3.
_____, ano II, número 4.
_____, ano II, número 7.
_____, ano II, número 9.



- _____, ano III, número 1.
_____, ano III, número 6.
_____, ano III, número 7.
_____, ano III, número 11
_____, ano IV, número 1.
_____, ano IV, número 2.
_____, ano IV, número 3.
_____, ano IV, número 4.
_____, ano IV, número 6.
_____, ano IV, número 10.
_____, ano IV, número 11.
_____, ano IV, número 12.

Bibliografia

MOTA, Carlos Guilherme. “Cultura e política da boa vizinhança: dois artistas norte-americanos no Brasil”. In: COGGIOLA, Osvaldo (org). **Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico**. São Paulo: Xamã/FFLCH-USP, 1995, pp. 489-501.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

RIBEIRO, Edgard Telles. **Diplomacia Cultural: seu papel na política externa brasileira**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2011.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **O amigo americano: Nelson Rockefeller no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ZAGNI, Rodrigo Medina. **Identidades em guerra: imperialismo e cultura nas relações entre Estados Unidos e América Latina durante a Segunda Guerra Mundial (os casos de Brasil, Argentina e México)**. Curitiba, PR: CRV, 2015.